

TÉRMINO DE CARREIRA ESPORTIVA E O CICLO DE RELACIONAMENTOS DE EX - JOGADORES DE BASQUETEBOL

Marisa Cury Agresta¹; Maria Regina Ferreira Brandão²; Turíbio Leite de Barros Neto¹

¹CEMAFE - UNIFESP; ²USJT

RESUMO

Introdução: Terminar a carreira esportiva pode se tornar um dos momentos mais difíceis da vida de um atleta, já que a mudança no estilo de vida requer uma adaptação da rede social e de papéis profissionais. **Objetivo:** O objetivo do presente trabalho foi avaliar a influência do término de carreira no ciclo de relacionamentos de ex-jogadores de basquetebol. **Metodologia:** Foi utilizada uma amostra de 22 ex-jogadores de basquetebol, com média de idade de $50,45 \pm 10$ anos, tempo de prática como atleta profissional de $18,59 \pm 5,62$ anos e término da carreira esportiva, em média aos $32,59 \pm 5,33$ anos. Todos atuaram em seleções brasileiras e disputaram campeonatos mundiais. Utilizou-se uma entrevista semi-estruturada, e os dados foram analisados pela frequência de ocorrência de respostas para cada item da entrevista. **Resultados:** Observou-se que para 45,5% dos entrevistados, o ciclo de relacionamentos manteve-se o mesmo, enquanto que, para 31,8% o status social aumentou. Somente para 18,2% da amostra avaliada, o grupo de relações sociais reduziu. **Conclusão:** Concluímos que, os atletas desta pesquisa mantinham outras atividades paralelamente ao esporte de alto nível, o que facilitou a formação de uma rede social ampliada, e desta forma, a aposentadoria no esporte não refletiu, em mudanças significativas no ciclo de relacionamentos sociais depois de terem se aposentado.

Palavras chave: Esportes/Psicologia, Basquetebol, aposentadoria.

INTRODUÇÃO

Terminar a carreira esportiva pode se tornar um dos momentos mais difíceis da vida de um atleta, já que a mudança no estilo de vida requer uma adaptação da rede social e de papéis sociais. Neste contexto, estudar o término de carreira esportiva e avaliar as necessidades de ajustamento no ciclo de relacionamentos, tem sido de grande importância para as ciências do esporte.

Para Wylleman et al (1999), uma transição de carreira pode ocorrer em duas situações gerais. Primeiro, de ordem estrutural ou organizacional relacionada às mudanças no nível de categorias e na idade do atleta. Este caso refere-se à transição da iniciação esportiva para o esporte competitivo ou da categoria júnior para a categoria adulta. Este tipo de transição apresenta um alto grau de prognóstico, ou seja, tem uma previsão para que ocorra e faz parte da sequência natural de uma carreira no esporte.

As transições com um grau baixo de previsão podem ocorrer inesperadamente, ou talvez nem cheguem a ocorrer; são definidas pela FEPSAC (c2003) como um “não evento”, e se referem a algumas mudanças que podem acontecer, mas que, diante de certas circunstâncias específicas, não se concretizam, por exemplo, interromper a carreira esportiva de forma abrupta.

Segundo, em relação à sua origem, ou seja, por razões emergentes, de ordem psicológica (motivação para engajar em um nível de conquistas mais alto); física (problemas musculares, lesões); educacional (ajustamentos na escola ou na universidade); profissional (uma promoção no emprego, caso o atleta mantenha um outro trabalho paralelo); ambiental (conflitos e problemas de relacionamento entre técnicos e atletas) e psicossocial (divórcio).

A qualidade da aposentadoria é geralmente avaliada por critérios como tempo de adaptação, posição ocupacional, prestígio, trabalho, satisfação com o novo emprego, satisfação com a vida em família e com a vida em geral, autoestima e identidade esportiva.

Um estudo realizado por Blaesild, Stelter (2003) com jogadores de alto nível, concluiu que, dependendo da presença de alguns fatores específicos, a transição para o término da carreira pode levar a um sentimento de “renascimento” (a aceitação do início de uma vida nova), ou a uma dificuldade de adaptação a este novo momento. Segundo a pesquisa, os fatores que mais influenciam a qualidade da transição para o término da carreira são: a causa da aposentadoria, o grau de identificação com o esporte (identidade atlética), oportunidades de emprego e educação na nova vida, qualidade do suporte social, rede social dentro e fora do meio esportivo, habilidade para manter o status social e administrar seus negócios.

Além do mais, o estudo revela como sugestões para o adequado ajustamento: ter outra profissão paralela à de esportista; não parar de estudar e se atualizar (estudo continuado), como também manter uma rede de amigos fora da esfera do esporte.

As pesquisas têm sugerido que uma grande proporção de atletas atribui o desligamento com o esporte competitivo a uma causa que ele não tem controle, mas enfatizam, principalmente, a necessidade de se estudar melhor as razões da aposentadoria no esporte, assim como o impacto da decisão voluntária ou involuntária na aposentadoria (Wylleman et al, 1999). A qualidade de ajustamento à aposentadoria do esporte competitivo está mediada por uma série de fatores específicos, relacionados ao atleta, ao seu ambiente e ao tipo de transição.

Com relação às características do atleta podemos citar a idade e o estado de saúde. Da mesma forma, fatores de ordem psicossocial também representam um importante papel neste momento, pois em particular, a identificação social e a identificação do atleta com o papel de esportista têm sido considerados fatores de fundamental importância para se compreender a adaptação ao término de carreira (FEPSAC, c2003).

Considerando que a transição de carreira não deva ser reconhecida somente como um evento ou fato único e isolado, Schlossberg (1981) define Transição de Carreira Esportiva como, “(...) um evento ou não evento, que resulta em uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo, e assim, requer uma mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios” (p.7). Já Crook, Robertson (1991), definem a Transição de Carreira como “(...) uma descontinuidade no espaço de vida de uma pessoa”. (p.122).

Tradicionalmente, os modelos teóricos se originaram de estudos comparativos entre o término da carreira esportiva e dos modelos teóricos da Sociologia, tais como: a Gerontologia Social de Envelhecimento e os Modelos Tanatológicos do Processo da Morte. Mais tarde, estudiosos da Psicologia do Esporte fazem uma nova avaliação com relação à caracterização do fenômeno, Término de Carreira Esportiva e propõem novos modelos, como parâmetros de estudo para se compreender este momento.

Nos anos 80, os Modelos de Transição se tornaram populares e se opuseram às perspectivas gerontológicas e tanatológicas. Muitos pesquisadores reconheceram que os pressupostos destas teorias não poderiam ser generalizados para o “mundo complexo” da aposentadoria no esporte (Crook, Robertson, 1991; Taylor, Ogilvie, 1998; Lavalley, 2000). Estes autores foram unânimes em avaliar que as teorias da Gerontologia Social e da Tanatologia forneciam uma perspectiva muito limitada para a investigação da aposentadoria no esporte.

Além do mais, nesta época foram realizados estudos empíricos, mais consistentes sobre o término de carreira, utilizando desenhos metodológicos longitudinais, acompanhando mais de perto os atletas, permitindo caracterizar a aposentadoria dos atletas como um processo, e não como um acontecimento único e isolado, já que existe uma continuidade de objetivos (atletas aposentados do esporte iniciam novos projetos e atividade profissional) e não a cessação de interesses.

Já que nenhum destes modelos se ajustou adequadamente ao estudo da aposentadoria no esporte, emergiu a necessidade de uma perspectiva alternativa, com o objetivo de analisar os diversos fatores que influenciam no processo da aposentadoria, e explicar os tipos de ajustamentos (positivo ou negativo) experienciados neste momento (Crook, Robertson, 1991).

Nos anos 90, Stambulova (1994) elaborou um modelo teórico para a pesquisa da carreira esportiva na Rússia pós-Perestroika, também considerando a transição de carreira como um processo e não um evento único.

Os pesquisadores Taylor, Ogilvie (1998), concordando com os pressupostos de que a transição de carreira esportiva devesse ser analisada como um processo, desenvolveram o Modelo Conceitual da Transição de Carreira, em que podemos verificar que as causas Término de Carreira Esportiva, as formas de adaptação para Transição de Carreira e os recursos disponíveis de adaptação para este momento, se mostram interligados e mediam o desfecho da transição. Também podemos observar que, dependendo da Qualidade da transição, ela poderá ser percebida como distress, ou como uma transição de carreira saudável (Brandão et al, 2000).

Werthner, Orlick (1986); Taylor, Ogilvie (1998) são unânimes em reconhecer que os métodos mais eficazes para auxiliar atletas a lidarem com o estresse da aposentadoria são: encontrar outros focos de interesse para substituir a atividade no esporte competitivo, ocupar-se, manter uma atividade esportiva regular (corrida, exercícios), conversar com quem possa ouvi-lo, manter contato com seus colegas atletas e também com o esporte que pratica, ampliando a rede social.

OBJETIVO

Desta forma, o objetivo do presente trabalho foi avaliar a influência do término de carreira no ciclo de relacionamentos de ex-jogadores de basquetebol.

MÉTODOS

Participaram da pesquisa 22 ex-jogadores de basquetebol de alto nível, do sexo masculino. A média de idade do grupo foi de $50,45 \pm 10$ anos, o tempo de prática como atleta profissional foi de $18,59 \pm 5,62$ anos e o término da carreira esportiva ocorreu em média aos $32,59 \pm 5,33$ anos. Todos atuaram em seleções brasileiras e disputaram campeonatos mundiais.

O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, e sua formulação foi baseada em dois questionários amplamente utilizados na literatura internacional, desenvolvidos para o estudo da Transição de Carreira Esportiva, o APAQ, "Athletic and Postathletic Questionnaire" (Hackfort et al.) e o "Sport Career Transitions" (Stambulova). Como todo recurso de investigação científica, a entrevista apresenta como características ser uma técnica que busca a informação de respostas individuais e particulares do indivíduo, portanto, uma técnica apropriada para a coleta de dados em pesquisas exploratórias. Para Godínez (1998), a elaboração de uma entrevista deve ser regida por certas normas metodológicas, que fundamentalmente dizem respeito à relação lógica que devem ter as perguntas com o aspecto ou aspectos centrais sobre os quais se busca informação. A autora explica melhor este item, dizendo que uma entrevista deve propiciar (através de suas perguntas) a obtenção de elementos suficientes e necessários para a prova das hipóteses científicas. Além da objetividade, Godínez complementa que, um instrumento de investigação científica, como a técnica da entrevista, deve cumprir ainda os requisitos metodológicos da sistematicidade e generalidade do problema.

Para tanto, surge a necessidade da elaboração de um instrumento, ecologicamente válido para as normas da população brasileira já que no Brasil não existem questionários para avaliar o término de carreira esportiva. Entende-se por um instrumento ecologicamente válido, o teste

psicológico que reflete o contexto único do esporte, produzindo medidas válidas e confiáveis (Lidor, 1998). Portanto, nesta pesquisa optou-se pela entrevista semi-estruturada, para coletar dados sobre o término de carreira em atletas de alto nível, que poderá ser utilizada como processo para futuros trabalhos de elaboração e validação de instrumentos, levando em consideração a cultura brasileira.

Os dados foram analisados pela frequência de ocorrência de respostas para cada item da entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados mostram que, para 45,5% dos entrevistados, o ciclo de relacionamentos manteve-se o mesmo, enquanto que, para 31,8% o status social aumentou. Somente para 18,2% da amostra avaliada, o grupo de relações sociais reduziu. Segundo dados coletados nas entrevistas, estes atletas mantinham outras atividades paralelas, como estudar, fazer faculdade ou cursos paralelos, o que contribuía para a formação de diversos grupos sociais fora do entorno esportivo.

Em estudos de Stambulova (1997), podemos verificar alguns dados afirmando que os ex-atletas tem mais tempo para se dedicar à família, amigos e ao lazer, depois que se aposentam. Por outro lado, os resultados desta pesquisa são divergentes com os estudos de Lavalley (2000), pois mostram que, no término de carreira os atletas estão saindo do meio esportivo, e não entrando para um mundo de interação, e, portanto, o ciclo de relacionamentos fica diminuído, facilitando muitas vezes, uma situação de isolamento social.

Jacques, Carlos (2002) complementam que, o processo de aposentadoria exige uma reorganização da vida familiar e das relações afetivas; a conquista de novos espaços de convívio e de relacionamento fora do mundo do trabalho, e o planejamento de novas rotinas, por conta da diminuição da jornada laboral. Desta forma, o vínculo social mantido durante a carreira esportiva dos sujeitos arrolados nesta pesquisa, apresentou reflexos positivos no momento da aposentadoria, na manutenção da identidade social e o equilíbrio psicossocial.

CONCLUSÃO

Os Modelos de Transição, ao se tornarem populares, se opuseram às perspectivas gerontológicas e tanatológicas vigentes, no momento histórico, modificando a leitura existente até aquela época. Muitos pesquisadores reconheceram que os pressupostos destas teorias não poderiam ser generalizados para o “mundo complexo” da aposentadoria no esporte (Crook, Robertson, 1991; Taylor, Ogilvie, 1998; Lavalley, 2000), pelas suas peculiaridades e pela lógica específica existente no contexto esportivo.

Estes autores foram unânimes em avaliar que as teorias da Gerontologia Social e da Tanatologia forneciam uma perspectiva muito limitada para a investigação da aposentadoria no esporte, apesar de apontar para uma visão adequada aos padrões sócio-culturais de um segmento social.

E ainda, não era apenas o segmento esportivo que passava a se preocupar com a transição, mas vários setores sócio-econômicos buscam elementos para entender e analisar com propriedade a movimentação de seus quadros, de modo a poder ter previsões e soluções para problemas que advirão desta fase.

Além do mais, nesta época foram realizados estudos empíricos, mais consistentes sobre o término de carreira esportivo, utilizando desenhos metodológicos longitudinais, acompanhando mais de perto os atletas, permitindo caracterizar a aposentadoria dos atletas como um processo, e não como um acontecimento único e isolado, já que existe uma continuidade de objetivos (atletas

aposentados do esporte iniciam novos projetos e atividade profissional) e não a cessação de interesses.

No entanto, já que nenhum destes modelos se ajustou adequadamente ao estudo da aposentadoria no esporte, emergiu a necessidade de uma perspectiva alternativa, com o objetivo de analisar os diversos fatores que influenciam no processo da aposentadoria, e explicar os tipos de ajustamentos (positivo ou negativo) experienciados neste momento (Crook, Robertson, 1991).

Nesta perspectiva é que se investiga, como foco de nosso trabalho, a fase de transição de atletas, numa possibilidade de ampliar elementos geradores de novas especulações e novas propostas de ação, para uma população diferenciada e única, com vida útil funcional delimitada por características específicas.

Sabe-se que várias causas podem suscitar a aposentadoria no esporte, e que podem diferir em origem, mas certamente o suporte social representa uma positiva influência para o ajustamento dos atletas em período de transição para a vida pós-esporte.

Para a amostra de ex-jogadores de basquetebol que participaram da presente pesquisa, a aposentadoria no esporte não refletiu em mudanças no ciclo de relacionamentos sociais, e neste sentido, a manutenção de uma rede social paralela, durante a carreira esportiva, contribuiu para a manutenção do equilíbrio pessoal e do status social destes sujeitos, após o final da carreira.

REFERÊNCIAS

- BLÆSILD K, STELTER R. Psychological and social consequences of career transition out of professional football: a multiple case study [abstract]. **XIth European Congress of Sport Psychology**; Copenhagen, Denmark: 2003, p. 35.
- BRANDÃO, M. R. F, AKEL, M.C., ANDRADE, S. A., GUISELINI, M. A. N., MARTINI, L.A., NASTAS, M.A. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Rev Bras Cienc Mov.** 2000; 8(2):49-58.
- CROOK J.M., ROBERTSON S.E. Transitions out of elite sport. **Int J Sport Psychol.** 1991; 22(2):115-27.
- FEPSAC. Position statement: sports career termination, 1999. Biel: FEPSAC; c2003 [cited 2006 Jan 9]. Available from: <http://www.smartstep.se/ssp/sportpsychology/module.asp?page=detail&XModuleId=8243&ProductId=2670>
- GODÍNEZ E.P. Técnicas de la entrevista. In: VALDEZ CASAL H., editor. **Introducción a la investigación científica aplicada a la educación física y el deporte.** Havana: Pueblo y Educación; 1988. p. 150-63.
- HACKFORT D., EMRICH E., PAPATHANASSIOU V. **Nachsportliche karriereverläufe.** Schorndorf: Hofmann; 1997.
- JACQUES M. G. C., CARLOS S. A. **Identidade, aposentadoria e o processo de envelhecimento. Comciencia** [periódico na Internet]. 2002 set [citado 2002 set 10]; 8(7): [cerca de 2 p.]. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env15.htm>
- LAVALLEE D. Theoretical perspectives on career transitions in sport. In: LAVALLEE D, WYLLEMAN P, editors. **Career transitions in sport: international perspectives.** Morgantown (WV): Fitness Information Technology; 2000. p. 1-27.
- LIDOR R. Where are the psychological predictions in talent-detection tests? A short note on a neglected topic. **Issp Newsletter.** 1998; 6, (1):13-5.
- SCHLOSSBERG N. K. A model for analysing human adaptation to transition. **Couns Psychol.** 1981; 9(2):2-18.
- STAMBULOVA N. B. Developmental sports career investigations in Russia: a post- perestroika analysis. **Sport Psychol.** 1994; 8:221-37.

STAMBULOVA N. Sports career psychological models and its applications. In: LIDOR R, BAR-ELI M. Proceedings of the IXth World Congress of Sport psychology; 1997; International Society of Sport Psychology; 1997a. 655-7.

TAYLOR J., OGILVIE B. C. A conceptual model of adaptation to retirement among athletes. **J Appl Sport Psychol.** 1994; 6:1-20.

TAYLOR J., OGILVIE B. C. Personal growth to peak performance: career transitions among elite athletes: is there life after sports? In: WILLIAMS JM, editor. **Applied sports psychology: personal growth to peak performance.** 3rd ed. Mountain View (CA): Mayfield; 1998. p. 429-44.

WERTHNER P., ORLICK T. Retirement experiences of successful Olympic athletes. **Int J Sport Psychol.** 1986; 17:337-63.

WYLLEMAN P., STAMBULOVA, N. B., BIDDLE S. Career transitions in sport: research and interventions. In: Proceedings of the 10th European Congress of Sport Psychology; 1999 Jul 7-12; Prague, Czech Republic: 1999, p. 301-3.